



# RESENHAS

# *Ensaio de Helena: narrativa como travessia da dor e retomada da vida*

*Helena's tale: narrative as overcoming pain and retaking life*

FABIANA CORRÊA PRANDO\*

**E**nsaio de Helena, livro de Tatiana Piccardi publicado em 2006, ganhou uma edição bilíngue em 2010 e pode ser compreendido como uma expressão dos efeitos transformadores da linguagem sobre o seu enunciador, no caso a própria autora. Ao relatar o câncer e a morte de sua filha Helena, aos cinco anos, em 1997, Tatiana se apropria e se integra profundamente à história, aceitando seus efeitos avassaladores, irreversíveis e, ao mesmo tempo, promissores. Uma reviravolta que só é possível graças ao desejo de sobreviver que a narrativa projeta e alimenta. Para Tatiana,

Narrar a perda do filho por morte, mais do que compartilhá-la, provocando reações mais ou menos palpáveis, mais ou menos circunscritas ao contexto específico da fala, transforma o enunciador no instante mesmo da sua enunciação. (PICCARDI, 2008, p. 135)

Para a autora, nas narrativas em que a dor é enunciada, existe a possibilidade do que ela denomina “ato de fala curativo”. Importante ressaltar que o conceito

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa da FFLCH-USP.

de cura aqui referido é aquele relacionado ao cuidado de si, ao estabelecimento de uma forma e experiência totalmente novas, e não equivale ao restabelecimento de uma forma anterior. E, mais especificamente, o “ato de fala curativo” merece uma observação mais atenta.

Tal conceituação é cara aos estudos na área de Medicina e Narrativa no Brasil. A teoria dos atos de fala de Austin detalha esse processo, à medida que entende o ato de enunciar como ação constituída por três atos simultâneos: ato de fala locucionário, ilocucionário e perlocucionário:

Locucionário é o ato mesmo de formular o enunciado, para o que o falante utilize os recursos da língua de que dispõe. É o ato de atualizar (pôr em funcionamento em situação concreta) o sistema lingüístico. Ilocucionário é o ato da comunicação em si, que implica o fazer algo ao enunciar, que pode ser um pedido, uma ordem, uma promessa, distinguindo-se assim o ato ilocucionário do significado do enunciado em si mesmo. Por exemplo, o enunciado “que calor faz aqui!”, em dado contexto, pode significar: “por favor, abram a janela!”. Esse significado, que muitos consideram equivocadamente como acrescentado, é o ato ilocucionário, e a finalidade específica que lhe é constitutiva no ato da enunciação (pedido, ordem, promessa, etc.) é o que Austin denomina força ilocucionária. Não se trata de acréscimo, pois o ato ilocucionário é inseparável do ato locucionário. Repetindo-se o contexto adequado, “que calor faz aqui!” continuará significando “por favor, abram a janela”. Perlocucionário, por sua vez, é o efeito do enunciado no interlocutor, que pode ser previsto pelo falante ou não. A imprevisibilidade dos efeitos da fala projeta o discurso para o novo, para o não-convencional.

Dessa forma, o narrar a perda do filho significa não apenas o conteúdo locucionário do ato, ou seja, a “história” narrada em si mesma, mas o que a narrativa faz no instante mesmo em que é enunciada. Esse fazer é, a meu ver, a força ilocucionária de caráter curativo desse tipo específico de ato de fala. (PICCARDI, 2008, p. 135)

Em *Ensaio de Helena* (2006), a autora compartilha com os leitores a sua construção de sentido a partir dos fatos, construção essa que a narrativa irá constituir. A interlocução é imprescindível no ato de fala curativo, pois não existe sujeito todo-poderoso que empreenda isoladamente a cura de si. O livro de Tatiana oferece, assim, o contexto favorável e nós, leitores, somos seus interlocutores

empáticos e constitutivos do ato de fala curativo. Mais do que leitores convencionais, tornamo-nos partícipes de um processo ativo de transformação.

Dessa forma, em *Ensaio de Helena*, o leitor participa de um ato de fala curativo e sai transformado também. Em tempos de dor profunda, é preciso narrar para ressignificar e viver:

Um dito de autor por mim desconhecido nos diz: “Quando os fios que tecem nossas vidas são violentamente rompidos, somente as mãos do tempo podem cerzir as malhas rasgadas. É preciso dar tempo ao tempo”. Eu diria, complementarmente: é preciso dar espaço ao narrar... (PICCARDI, 2008, p. 129)

O livro é dividido em três partes que se complementam e integram, proporcionando ao leitor um mergulho na complexidade da experiência. A primeira parte – “Ensaio de Helena” – relata episódios desencadeados pela doença. Fatos, sentimentos, procedimentos médicos, memórias e reflexões são partilhados com o leitor num fluxo que rompe com a cronologia, favorecendo a intimidade, a empatia. É com muita proximidade e vivacidade que acompanhamos Tatiana e Helena ao longo da narrativa:

Helena brilhou durante toda a festa, mimada e acarinhada por todos. O espaço no carrinho Helena dividia com amigos recém-chegados: bonecas e bichinhos de pelúcia novinhos em folha que, como Helena, não podiam se mexer, mas queriam participar. (PICCARDI, 2006, p. 48-49)

Dr. Ciro, o novo pediatra, olhava com carinho para a Nena enquanto a examinava. Gostei do seu olhar. Não havia pena, ou a compaixão hipócrita dos que antes de tudo pensam: ainda bem que não é com meu filho. Havia, sim, um profundo respeito pelo difícil caminho que aquela criança deveria percorrer. (*Ibid.*, p. 25)

“O senhor não acredita em Deus? Não tem fé?” “Filha, sou muito religioso, mas na igreja, aqui preciso ser objetivo.” “Pois eu acredito em milagres. Gostaria que o senhor fosse à festa que daremos para Helena quando ela se curar. Será a maior festa jamais vista.” “Filha, Deus sabe como eu gostaria de estar lá.” (*Ibid.*, p. 18-19)

“Diário” – segunda parte do livro – traz uma perspectiva neutra, objetiva, muito próxima ao que se convencionou chamar de “olhar clínico” em relação aos acontecimentos relatados na primeira parte da obra. Em quatro páginas rigoro-

samente datadas de 01/02 a 20/07/97, acompanhamos o registro da evolução da doença da pequena Helena. Observado o conjunto da obra, a segunda parte faz um contraponto perfeito à primeira em que o tempo psicológico, das emoções é privilegiado. O leitor tem, assim, a real dimensão da intensidade de vida compreendida em um intervalo de tempo tão estreito:

1/2/97 – constatação do estrabismo; estado geral da Nena é bom

4/2 – consulta com oftalmologista

6 – primeira ressonância magnética; constatação do tumor no tronco-cerebral

7 – consulta com neurologista (expectativa de vida: 18 meses... sumiu o chão sob nossos pés, cirurgia descartada, indicação para radioterapia)

8 – consulta com oncopediatra (vamos lutar! – começamos a construir algum chão). (*Ibid.*, p. 55)

A terceira parte – “Próxima história” – retoma e transcende a primeira, colocando em destaque a imaginação, essa grande mediadora da jornada humana. Tatiana escreve neste último capítulo a história que ela mesma contou à Helena momentos antes de sua morte, na UTI do hospital.

Helena, a mãe vai te levar a um lugar muito bonito, através da nossa imaginação... Esqueça esses tubos incômodos que te ligam a um tipo de vida que não interessa mais. Ouça esta música que gravei pra você. É com ela que poderemos chegar ainda mais rápido a esse lugar de que lhe falo, esse lindo lugar! (*Ibid.*, p. 59)

A mesma Tatiana, que vive e escreve sua experiência em *Ensaio de Helena*, elabora:

A Coisa horrenda foi vista e sentida, só será afastada para que a vida regular tome seu curso após a elaboração da perda no nível do imaginário, que tece os fios que reposicionam esses pais na esfera da trivialidade que mascara o buraco negro do Real. Quando isto é finalmente feito, termina o luto. (PICCARDI, 2008, p. 134)

Enfrentar a impossibilidade, viver na companhia da “coisa horrenda” e voltar para contar que sim, existe vida após a morte, são os pilares de *Ensaio de Hele-*

na. Um episódio vivido, que nos lembra que a morte e o morrer nos constituem. Uma narrativa cerzida pelo livre fluxo de imagens e memórias, pela descrição fiel aos procedimentos médicos e pela construção de metáforas metafísicas sobre a morte.

Inestimável também é a contribuição da obra para os estudos de Literatura e Medicina. Sua abordagem ultrapassa uma das propostas inaugurais da área: o investimento na competência narrativa dos profissionais direta ou indiretamente ligados aos cuidados médicos. O leitor encontrará no texto de Piccardi uma modalidade muito mais próxima à “*ilness narrative*” postulada por Kleinman, uma forma pela qual os pacientes modelam e dão sentido aos seus sofrimentos (KLEINMAN, 1998). O mesmo autor ressalta o cuidado, em tais narrativas, em não transformar o sujeito em objeto, o que é plenamente realizado em *Ensaio de Helena*.

Abordar a doença por meio de uma história transforma o fato em experiência e o que era circunscrito aos limites de um corpo físico individual, pela via da linguagem, torna-se um elo comum. As vulnerabilidades compartilhadas possibilitam empatia.

O livro é um registro valioso de questões fundamentais para os estudiosos de Medicina e Narrativa no Brasil. A autora, pesquisadora da área, imprime sua vivência pessoal e também sua perspectiva à luz das teorias da linguagem. Quantas obras reúnem esse ponto de vista privilegiado? Mais do que a descrição da evolução da doença, o tratamento, as consultas, a autora registra, por exemplo, questões de implicações éticas:

É inumerável a quantidade de visitas, consultas, telefonemas e contatos vários que fizemos até que nos indicassem o Dr. Edson Feldman. Mais inacreditável ainda é que Edson atendia no Einstein, aonde por muitas semanas levamos Helena para as sessões de radioterapia. Lá, nunca havíamos ouvido falar o nome dele, muito menos de sua especialidade (neuroconlogia). O Dr. Ernesto Ziebermann, responsável pela radioterapia, trabalhava em parceria com Edson em vários casos parecidos com o de Helena. Viemos a saber disso muito depois. Descobrimos, finalmente, que nunca nos haviam falado do Dr. Edson porque Helena já era paciente do Dr. Olímpio Dantas. [...]

Demoramos para constatar que todos os médicos da área se conhecem, e bem, apoiando-se mutuamente ou rivalizando-se em vários níveis, não apenas no nível

estritamente científico. Nesse contexto em que as vaidades facilmente entram em jogo, as indicações que fazem uns dos outros são restritas e governadas por uma ética bastante estranha, que jamais entenderei. (PICCARDI, 2006, p. 41-42)

Pelo relato da autora é possível também perceber a importância do cuidado médico nos momentos em que não há nada “médico” acontecendo...

Helena dormiu muito bem toda a noite. O Dr. Marco Antonio veio vê-la. Foi uma bênção a presença do Dr. Marco em nossas vidas dali para a frente. Objetivo sem perder a sensibilidade, foi o único médico que nos acompanhou até o final. O Dr. Marco estava no quarto comigo e com a Nena quando Mauro chegou da rua, aonde teria ido a pretexto de resolver qualquer problema trivial. Chegou com a cabeça totalmente raspada!! Os olhos de Helena brilharam de alegria ao perceber o alcance daquele gesto do pai. Dr. Marco e eu, meio rindo e meio chorando, perdemos a noção do tempo observando aquela cena pouco comum: pai e filha, juntos e carecas, debruçados num leito de hospital, entretidos tateando um na cabeça do outro os toquinhos pontiagudos de cabelo que despontavam com incrível velocidade! (*Ibid.*, p.52)

O próprio ato de narrar, em si, opera a elaboração da intensa experiência vivida. O distanciamento necessário para a elaboração do texto, na escrita de *Ensaio de Helena*, não deixou os fatos menos tensos ou realistas, mas permitiu a objetividade necessária à transformação de uma dor depressiva em uma dor solidária e transformadora:

Difícil digerir a ideia de ver o nome de minha filha transformado em nome de associação. Um nome que não mais traduzirá seu rosto lindo, mas será conhecido por tantos quanto o ouvirem, daqui para a frente, como um grito de socorro. Com o texto do estatuto, em uma das mãos e uma xícara de café na outra, sentada no banquinho da cozinha, naquele canto escondido em que todos os dias de manhã, solitária, completo a oração que logo cedo, na cama, o despertador me impede de concluir, vislumbro, num horizonte lindo, num amanhecer como poucos, a figura de minha filha crescendo, crescendo. (*Ibid.*, p. 53)

Embora a doença seja um fenômeno biológico e material, a resposta humana a esse evento não é biologicamente determinada. O ato de narrar permite-nos vislumbrar a singularidade de cada caso.

A importância do livro de Tatiana como relato de enfrentamento é o seu caráter ativo. O passado foi compreendido e ressignificado e inaugurou uma nova realidade a partir da dor que, em discurso, deixa de ser causa de uma ação para se tornar a ação em si mesma. Algo muito concreto foi possível a partir desse relato, a AHPAS – Associação Helena Piccardi de Andrade Silva, entidade social sem fins lucrativos criada para propiciar maior qualidade de vida a jovens pacientes carentes com câncer, através da oferta de transporte especializado aos hospitais durante os meses de tratamento. Os valores arrecadados com os direitos autorais do livro *Ensaio de Helena* são destinados integralmente à AHPAS.

Mais do que deslocar a pessoa das margens para o centro de sua própria história, de estabelecer uma ação curativa sobre o sujeito que narra, *Ensaio de Helena* sensibiliza e inspira leitores e, sobretudo, ajuda efetivamente os jovens e suas famílias em sua desafiante rotina de tratamento do câncer.

## Referências

KLEINMAN, A. *The illness narratives: suffering, healing & the human condition*. New York: Basic Book, 1998.

PICCARDI, Tatiana. *Ensaio de Helena – Mãe e filha, uma história de amor e luta pela vida*. São Paulo: Marco Zero, 2006.

\_\_\_\_\_. Relatos de pais enlutados: a dor posta em discurso. *Revista Alpha*, UNIPAM (9):129-137, nov. 2008. Disponível em: <<http://alpha.unipam.edu.br/documents/18125/22328/relatos.pdf>>. Acesso em: 28/04/2016

\_\_\_\_\_. Transformando sofrimento em narrativa e narrativa em uma nova vida. *Revista Internacional de Humanidades Médicas*, UNIFESP, V. 3, N. 1, 2014. Disponível em: <[http://www2.unifesp.br/centros/cehfi/documentos/revista\\_hum\\_med\\_vol3\\_num1\\_2014.pdf](http://www2.unifesp.br/centros/cehfi/documentos/revista_hum_med_vol3_num1_2014.pdf)>. Acesso em: 28/04/2016.